

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PERCEPÇÃO E LEITURA POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Antonia Livaneide da Silva*
Marynice de Medeiros Matos Autran**

Resumo

As histórias em quadrinhos (HQ) são, primordialmente, consideradas um meio de comunicação visual. Manifestam-se através da narração de palavras e seqüências de imagens. Devido sua grande difusão e acesso a baixo custo, ficaram conhecidas universalmente como meio de comunicação de massa (MCM). Esta investigação tem como objetivo principal investigar o hábito de leitura de histórias em quadrinhos por crianças cursando a 4^o série do ensino fundamental em duas escolas do município de João Pessoa. Resgata os antecedentes históricos das HQ, apresenta um panorama em nível mundial incluindo os seus precursores, particularizando a produção nacional, as crises, as controvérsias existentes. Aborda as temáticas leitura, leitura de quadrinhos, hábito de leitura e bibliotecas. Para a pesquisa de campo, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado a 40 alunos, estudantes das escolas pública e particular. Os resultados sugerem que as HQ ocupam um papel de destaque na vida dos sujeitos, pois incentivam e estimulam o hábito de leitura; atuam como uma atividade de lazer, aguçando a criatividade e melhorando a ortografia.

Palavras-Chave:

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
LEITURA DE QUADRINHOS
HÁBITO DE LEITURA

1 INTRODUÇÃO

A realização deste estudo partiu da convicção de que as histórias em quadrinhos são, além de um meio de comunicação de massa, um difusor do hábito de leitura. A clareza dos textos e os personagens levam ao mundo da imaginação, ampliam o universo infantil, desenvolvem o pensamento crítico, o raciocínio lógico, enfim, torna-se um elemento essencial para a educação, o conhecimento e o desenvolvimento sócio-cultural da criança; e do interesse da pesquisadora, enquanto profissional da informação, de se aprofundar no estudo dessa temática, pois representa um importante veículo de comunicação de massa e, mesmo com a diversificação e desenvolvimento tecnológico presentes em outros meios de comunicação, elas permanecem conquistando e divertindo um público fiel.

¹ Artigo originado de Trabalho de Conclusão de Curso

*Bacharel em Biblioteconomia pela UFPB

**Orientadora do TCC, Professora do Departamento de Ciência da Informação da UFPB

Esta pesquisa, originalmente apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, procurou responder aos seguintes questionamentos: a) qual a percepção dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental sobre as Histórias em Quadrinhos?

Quanto aos objetivos procurou-se analisar a importância da leitura das Histórias em Quadrinhos por crianças cursando a 4ª série do Ensino Fundamental.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A literatura pertinente à temática relata que as histórias em quadrinhos estão presentes desde a pré-história onde os homens primitivos utilizando as paredes das cavernas ou rochas, perpetuaram, através da imagem, os registros da época. Era, portanto, através de desenhos, que se expressavam tendo como preocupação o registro de fatos e acontecimentos.

Vergueiro (2005) abordando a temática comunicação através da imagem discorre sobre o homem pré-histórico dizendo que estes transformavam as paredes das cavernas em grandes murais registrando ali, para seus companheiros, elementos de comunicação que poderia ser:

o relato de uma caçada bem sucedida. [...] a informação de que naquela região específica era possível encontrar animais selvagens. Podia ser uma indicação de seu paradeiro. [...] Quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo e outra incluindo um animal abatido, estava contando vantagem por uma caçada vitoriosa. Era talvez a primeira história contada por uma sucessão de imagens. (VERGUEIRO, 2005)

Portanto, a imagem, como elemento de comunicação, esteve presente na história da humanidade desde o seu início quando os ancestrais, “antes de transformar seus grunhidos em palavras inteligíveis, transformou as paredes das rochas em um grande mural nas quais registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos”. (VERGUEIRO, 2005).

Embora a imagem atendesse às necessidades de comunicação da época, com a evolução esta se mostrou insatisfatória. O homem pré-histórico era nômade, e devido à instabilidade de moradia, perderia todas as informações registradas, pois, não havia maneira alguma de levá-las consigo (ANSELMO, 1975, p. 40). Havia a necessidade, portanto, de se criar instrumentos que eternizassem essa memória. Surgiram suportes diversos como peles de animais, cascas de árvores, madeira etc. que por serem transportáveis, facilitavam o deslocamento dos primitivos. Surgia, portanto, a oportunidade propícia ao aparecimento de uma nova forma de comunicação, a escrita. A partir daí, haveria não apenas a transmissão da imagem, mas, também, das idéias que poderiam se perpetuar através de gerações.

No século IV a.C., surge uma nova forma de comunicação, uma escrita entremeadada de letras e desenhos que os egípcios denominavam hieróglifos² que segundo Anselmo (1975, p. 40) os antigos egípcios utilizavam para gravar em baixo relevo “nos túmulos dos reis a vida dos faraós desaparecidos”.

A imagem não perdeu sua importância informacional com o surgimento da escrita, pois os primeiros alfabetos constituíam uma relação entre imagem e palavra, como se pode constatar na escrita hieroglífica, também utilizada nos mais antigos papiros.

² Designação de cada um dos caracteres da escrita egípcia

Obedecendo à cronologia, destacam-se outros exemplos surgidos no decorrer dos séculos V a XIV que são: “narrativas figuradas, comuns à via sacra, aos estandartes chineses, às tapeçarias medievais e aos vitrais góticos” (QUADRINHOS, 2005).

Alguns desses, outros exemplos podem ser citados como a *Tapeçaria de Bayeux*³ uma obra de arte medieval confeccionada por artesãos da Catedral de Canterbury, Inglaterra, entre os anos 1070-1080 que representa em cenas sucessivas o cotidiano dos nobres do final do século XI. Retrata, ao longo dos seus 70m de comprimento por cerca de 50 cm de largura, a vitória normanda na batalha de Hastings, tendo como consequência a derrota do rei Haroldo II. (TAPEÇARIA... 2005)

Também a Coluna de Trajano construída em homenagem ao imperador romano Trajano, após a conquista da Dácia. A coluna mede 30m de altura e no seu interior há uma escada em espiral que atinge o topo. O pedestal e a coluna estão cobertos de esculturas representando as guerras que ocorreram na Dácia.

Estes exemplos denotam uma verossimilhança que é a história narrada através de cenas sucessivas de imagens, advindo daí a correlação entre as histórias em quadrinhos e as diversas formas de comunicação utilizadas pelos ancestrais para comunicar seus feitos.

No século XIV as ilustrações europeias introduzem os filactérios⁴, considerados a gênese dos balões. (ENCICLOPÉDIA... 2005).

O surgimento do alfabeto fonético “fez com que a imagem passasse a ter papel de menor importância na comunicação entre os homens [...]. Deixou de existir uma ligação direta entre a maneira como se representa um objeto ou um animal e a sua forma física real”. (VERGUEIRO, 2005). O sinal gráfico representava um único som, porém sua composição com outros era infinita permitindo emitir idéias mais complexas e facilitar a compreensão da mensagem que se transmitia. Entretanto, o desenho pictográfico permaneceu durante séculos encontrando espaço para sua manifestação, pois a representação gráfica independe do conhecimento para ser entendida. Por isso, a comunicação transferida da imagem para a palavra atingiu, inicialmente, a elite; apenas alguns privilegiados tinham acesso ao novo código alfabético.

Os tipos gráficos móveis surgiram na cidade de Mogúncia no ano de 1450, iniciando-se uma nova era para a humanidade. A evolução cultural acentuou-se com o surgimento da imprensa. Os livros espalharam-se, disseminando informações através de palavras. “A palavra impressa quebrou todas as barreiras e perpetuou visões de mundo que antes, com o passar de algumas gerações, eram manipuladas e desvirtuadas” (VERGUEIRO, 1989, p. 122).

Porém, a palavra impressa era muito exata e não havia como externar sentimentos, gestos e expressões dos personagens.

Em um desenho, como em um olhar podemos ver em um instante, coisas que, se postas em palavras, dariam para encher um pequeno volume. A visão é simultânea e instantânea; a palavra é sucessiva. As palavras são mais exatas do que as figuras, têm menos sentidos possíveis; nesta mesma medida são mais pobres em significados, em poder de sugestão, em riqueza de possibilidades, em número de interpretações possíveis. (MOYA, 1977, p. 116 –117).

³ Frequentemente mencionada quando se busca os antecedentes históricos das HQs

⁴ Faixas com palavras escritas saindo da boca dos personagens

3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS - ASPECTOS CONCEITUAIS

Existem vários critérios para classificar os MCM. Um deles os divide em meios impressos (jornal, revista, livro, quadrinhos) e não impressos ou audiovisuais (cinema, rádio, televisão). (ANSELMO, 1975, p. 22). A autora oferece ainda critérios para sua classificação:

1. Os MCM envolvem máquinas na mediação da comunicação, que permitem, no caso dos meios impressos, a multiplicação das mensagens em milhões de cópias e, no caso do rádio e da televisão, a produção, transmissão e recepção de mensagens de modo a atingir milhões de receptores.
2. Os MCM possibilitam atingir uma vasta audiência simultaneamente, ou dentro de breve período de tempo (ouvintes, espectadores, leitores).
3. As mensagens transmitidas pelos MCM em geral se originam de uma organização ampla, complexa, com grande número de profissionais e divisão de trabalho. Os quadrinhos, por exemplo, dependem não somente de toda uma equipe de argumentistas, roteiristas e desenhistas reunidos geralmente numa empresa produtora, como também envolvem empresas editoras, impressoras, distribuidoras, varejistas etc. (ANSELMO, 1975, p. 23).

Verifica-se, portanto, que as histórias em quadrinhos se enquadram nos critérios supracitados, confirmando através da literatura sua condição de meio de comunicação de massa.

Procurando situar a temática, necessário se faz apresentar alguns conceitos apresentados na literatura sobre o objeto de estudo. Nessa perspectiva, percebe-se que as Histórias em quadrinhos são

a arte de narrar uma história através de seqüências de imagens, desenhos ou figuras impressos. Os diálogos entre os personagens, seus pensamentos e a própria narração aparecem sob a forma de legendas ou dentro de espaços irregulares delimitados, chamados de balões. (QUADRINHOS, 2005)

Para Vergueiro (1998, p.120) as histórias em quadrinhos se constituem num

meio de comunicação de massa que agrega dois códigos distintos para a transmissão de uma mensagem: o *lingüístico*, presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons, e o *pictórico*, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, idéias abstratas e/ou esotéricas etc. Além desses dois códigos, as histórias em quadrinhos desenvolveram também diversos elementos que lhes são hoje característicos, como o balão, as onomatopéias, as parábolas visuais etc. (grifo do autor)

Anselmo (1975, p. 38) considera que

As HQ são a um só tempo a arte e o MCM, que usando predominantemente personagens irrealis, desenvolvem uma seqüência dinâmica de situações, uma narrativa rítmica em que texto, quando este existe, tanto pode aparecer como legenda abaixo da imagem, como em outros espaços a ele destinados ou em balões ligados por um apêndice à pessoa que fala (ou pensa). Para atingir sua finalidade básica – a rapidez da sua compreensão – as HQ lançam mão de símbolos, onomatopéias, códigos especiais e elementos pictóricos que lhes garantem uma universalidade de sentido. (ANSELMO, 1975, p.38)

Klawa e Cohen citados por Anselmo (1975, p. 33) conceituam histórias em quadrinhos como

um conjunto e uma seqüência. O que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois de visto o anterior; a ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras. Existem cortes de tempo e espaço, mas estão ligados a uma rede de ações lógicas e coerentes.

Observa-se que os autores são unânimes em afirmar é, primeiramente, que as histórias em quadrinhos obedecem em sua narrativa, a uma seqüência lógica de imagens, desenhos e figuras. Em segundo lugar, que existem elementos característicos como os balões, onomatopéias, parábolas visuais e finalmente, os elementos lingüísticos e pictóricos, o que vem legitimar os fundamentos teóricos das histórias em quadrinhos.

3.1 Terminologias utilizadas

De acordo com Vergueiro (1998), as histórias em quadrinhos recebem diferentes denominações. Nos países ingleses, são conhecidas como *comics*, *comic books* ou *comic strips*, nomes que se originam pela comicidade das primeiras histórias desenvolvidas naqueles países. Os franceses chamam-nas de *bandes dessinées*, por terem sido, originalmente, publicados em formato de tiras (bande) nos jornais. Já os espanhóis, preferem a expressão *tebeos*, nome de uma revista dedicada a crianças e jovens, mas, modernamente, utilizam o termo *cômico* do original inglês *comics*. Os países latino-americanos, de forma geral, optaram por *historietas*, enquanto que para os japoneses são os *mangás*. Os italianos, por sua vez, escolheram um nome muito original, *fumetti*, palavra que significa balão (Fig. 1) ilustração onde estão contidas as falas e os pensamentos dos personagens. Portugal utiliza a expressão *histórias aos quadrinhos*, enquanto que o Brasil consagrou-se como histórias em quadrinhos (normalmente utilizada de forma abreviada HQ) e também como gibi.



Fig. 1 – Balões utilizados nas HQ

3.2 Tipologia dos quadrinhos

Segundo Vergueiro (1998), não é fácil determinar a tipologia das histórias em quadrinhos, pois a diversificação de publicações, personagens, autores e histórias que facilmente se colocam em níveis intermediários, dificultam sua classificação. Entre os diversos gêneros que o autor cita, destacam-se:

a) **Histórias infantis** – a maioria da produção quadrinista encontra-se nessa classe. No Brasil, merece destaque as histórias de Maurício de Sousa e seus personagens, Chico Bento, Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Além de Maurício, destaca-se Ziraldo com o *Menino Maluquinho*. Em nível mundial temos os personagens de Walter Disney, os quais, todos fazem sucesso. Alguns personagens desta categoria fazem sucesso pela sua contribuição na história das HQ, dentre eles *Mafalda*, *Peanuts* e *Pogo*. Estes personagens tornam-se complexos, pois podem pertencer a outras classes também, em razão de relatar histórias que dizem respeito ao mundo adulto;

b) **Super Heróis** – apresenta personagens de fama mundial, como o *Superman* (primeiro herói das histórias em quadrinhos), o *Batman*, *Homem Aranha*, *X-Men* e muitos outros. A produção quadrinista nesta categoria é muito vasta, e as histórias quanto ao nível de qualidade costumam variar bastante, talvez sejam por isso, que atinja o público juvenil, sempre interessado em temática nova e personagem diferente.

c) **Humorísticos** – Os quadrinhos de humor foram os primeiros que apareceram, daí o nome *comics*. Grande parte dos quadrinhos produzidos no mundo encaixa-se nesta área, principalmente os publicados em jornais, que aparecem sempre em destaque para provocar risos nos leitores. Entre os muitos temas: *Li'l Abner (Ferdinando)*, de Al Capp, este autor criticava de forma humorística, estrelas, astros do cinema, políticos, o hot dog, as músicas e os músicos, desde Frank Sinatra até os Beatles, tudo era motivo de sátira; *Beetle Bailey (Recruta Zero)*, de Mort Walker;

d) **Policiais** – surgiram na década de 30, com o aparecimento de *Dick Tracy*, de Chester Gould, um detetive que agia contra o crime e malfeitores. O grande destaque nessa categoria é a criação de Will Eisner, *The Spirit (O Espírito)*. O personagem de Eisner foi considerado uma das melhores criações das histórias em quadrinhos, por apresentar técnicas modernas e sofisticadas na produção de suas histórias. Outro personagem bastante popular é o *Secret Agent X-9*, de Alex Raymond;

e) **Aventura** – esta categoria surgiu no final da década de 20 com o personagem mais conhecido do gênero, *Tarzan*, criado por Edgar Rice Burroughs. *Tarzan* vive altas aventuras na selva, junto com animais ferozes. Fazem parte do gênero, *Terry and the pirates, (Terry e os piratas)*, de Milton Caniff; *Jungle Jim (Jim das Selvas)*, de Alex Raymond e *Captain César (Capitão César)* e *Buz Sawyer (Jim Gordon)*, de Roy Crane;

f) **Horror** – atualmente possui um público consideravelmente pequeno, em relação ao da década de 50, época em que fizeram bastante sucesso, publicados em revistas importantes como a *The Crypt of Terror* e a *The Vault of Terror*, pela *Entertaining Comics (E.C.)*. Fez sucesso também nos anos 60 com a publicação de *Creepy* e *Eerie*, nas quais participaram antigos colaboradores da *E.C.* e outros artistas entre eles Neal Adams, famoso por seu trabalho posterior na revista *Batman*. No Brasil personagens como o *Lobisomem*, *Múmia* e *Drácula*, desenhados por (Rodolfo Zalla, Nico Rosso e Eugênio Collonezze), tiveram longa trajetória, mesmo quando os norte-americanos deixaram de dar importância e de contribuir para a realização das histórias no final da década de 50. No início dos anos 90 saíram de circulação, por razão do cancelamento das revistas *Calafrio* e *Mestres do Terror*.

g) **Eróticos** – Os quadrinhos desse tipo são dirigidos ao público adulto, sendo a maioria representada pelos europeus. Apontam-se como exemplos do gênero: *Valentina*, uma fotógrafa criada por Guido Crepax; a sensual *Little Ego*, uma homenagem a *Little Nemo in Shumberland*, criação de Vittorio Giardino; *Blanche Epiphanic*, de Jacques Lob e Georges Pichard;

h) **Alternativos** – são os quadrinhos produzidos fora das regras de produção estabelecidas. O movimento underground dos anos 60, (organizado pelos desenhistas Robert Crumb, Clay Wilson e Gilbert Shelton e outros) é um exemplo de protesto contra a produção tradicional. O movimento underground trouxe aos quadrinhos características inovadoras: os personagens e histórias criadas não tinham objetivos de lucro ou sucesso, visavam o protesto aos valores dominantes utilizando frequentemente a extravagância, o erotismo e a escatologia. (MENDES, 1998, p.44)

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Tomando como referencial os objetivos propostos, classifica-se esta pesquisa como descritiva, realizada em duas escolas distintas, situadas nesta cidade de João Pessoa, Pb, ambas voltadas para o ensino fundamental, possuindo, porém, características diferenciadas por serem: uma Escola Municipal e a outra particular.

A primeira escola, denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Albino, localiza-se no bairro do Bessa, possui 1060 alunos e funciona nos três turnos. A segunda, denominada Colégio Marista Pio X, está situada no bairro de Tambiá e conta com 1732 alunos distribuídos em dois turnos. A parceria com o Governo do Estado possibilita, ainda, o ensino supletivo noturno, com 126 educadores entre professores e técnicos em educação e 69 funcionários.

A escolha destas escolas deu-se pelas seguintes razões:

- a) a escola pública, pela proximidade da residência da pesquisadora;
- b) a escola particular, por ser o campo do estágio obrigatório;
- c) investigar as diferenças e semelhanças existentes quanto ao hábito de leitura das histórias em quadrinhos em escola pública e escola privada.

Participaram da pesquisa 40 sujeitos, sendo 20 oriundos da Escola Pública e 20 da Escola Particular, com idade variando entre 9 e 13 anos, todos cursando a 4ª série do ensino fundamental. Os alunos da 4ª série foram escolhidos para participar desta pesquisa porque nesta faixa etária todos estão alfabetizados.

Para atingir os objetivos da pesquisa e compor o instrumento de coleta de dados, levou-se em consideração as seguintes variáveis:

- a) Sexo e faixa etária
- b) alunos da 4ª série do ensino fundamental de escolas pública e particular
- c) atividade dos pais;
- d) escolaridade dos pais;
- e) número de irmãos;
- f) atividades dos sujeitos além de estudar;
- g) preferência por áreas do conhecimento;
- h) atividades de lazer;
- i) conhecimento das histórias em quadrinhos;
- j) frequência de leitura;
- l) tipologia dos quadrinhos;
- m) personagens preferidas;
- n) idade que iniciou a leitura dos quadrinhos;
- o) acesso às revistas;
- p) apoio dos pais para a leitura dos quadrinhos;
- q) ambiente da leitura;
- r) número de revistas por semana;
- s) influência das histórias em quadrinhos

Para desenvolvimento da pesquisa de campo, visitou-se, inicialmente as escolas escolhidas para explicar o projeto e também conseguir a permissão das autoridades.

O instrumento de coleta de dados escolhido foi o questionário (Apêndice A) porque, de acordo com Lakatos e Marconi (1986), o seu uso para a coleta de dados pode ser justificado por economia de tempo na obtenção dos resultados; rapidez e padronização no registro das respostas.

O questionário em apreço era constituído de 30 perguntas abertas e fechadas. Para a elaboração do questionário, tomou-se como base a pesquisa realizada por Anselmo (1975), com adolescentes e crianças usuários de histórias em quadrinhos.

A pesquisa foi aplicada nas respectivas escolas com dia e hora marcados. Na escola pública o questionário foi aplicado na própria sala de aula, enquanto que na escola particular, foi aplicado em um espaço organizado pelo colégio para atividades extracurriculares como: brincadeiras, leituras de quadrinhos e outros eventos.

Os resultados foram organizados em tabelas e quadros, para melhor visualização.

5 RESULTADOS

De acordo com os objetivos propostos inicialmente e a problemática levantada para a pesquisa, apresenta-se os resultados obtidos através da pesquisa de campo, observando as variáveis consideradas para o estudo.

Para as categorias sexo e faixa etária, identificou-se que na Escola de Ensino Fundamental Frei Albino 10 crianças pertencem ao sexo feminino e 10 ao masculino, enquanto que no Colégio Marista Pio X, 12 são do sexo feminino e oito do masculino. Percebendo-se um número maior de meninas neste último.

Quanto à faixa etária de 9 a 13 anos, existe na Escola Frei Albino um predomínio de 20% de meninas na faixa etária de 10 anos, enquanto que no colégio Marista Pio X, 55% se encontram com 11 anos. (Tabela 1).

Tabela 1 - Faixa etária e sexo dos sujeitos

Idade	Escola Pública		Escola Particular		Escola Pública		Escola Particular	
	Meninas	%	Meninas	%	Meninos	%	Meninos	%
9					2	10	1	5
10	4	20	11	55	1	5	5	25
11	3	15			3	15	2	10
12	1	5			4	20		
13	2	10	1	5				
Não respondeu								
Total	10	50	12	60	10	50	8	40

Fonte: Pesquisa direta

Comparando a faixa etária dos meninos, verifica-se que na Escola Pública 20% estão com 10 anos, enquanto que na Escola Particular predominam 25% com 10 anos de idade. Concluindo-se que há uma defasagem de um ano de estudo para as meninas e de dois para os meninos.

A procedência dos pais em ambas as escolas é bastante diversificada, verificando-se que a grande maioria é oriunda da região nordeste e os demais das regiões sul, sudeste e centro-oeste.

Para a categoria *atividades desenvolvidas pelo pai*, estas se classificam mais nos ramos de comércio e serviços, assim discriminados: construção civil, vigilância, vidraçaria, ótica, pizzaria e serviço público na Escola Pública, enquanto na Escola Particular os pais são funcionários públicos e profissionais liberais atuando nas áreas de farmácia, negócios e marketing, o que permite apontar uma diferença social nas atividades desenvolvidas. Dois sujeitos não responderam a questão.

Quanto às mães, os sujeitos da Escola Pública responderam que 11 trabalham e nove se dedicam às atividades do lar. Alguns atores justificaram a presença da mãe em casa e aqui se reproduz algumas das suas falas.

“porque não achou um trabalho”

“ela não pode trabalhar em outro lugar porque já tem obrigação em casa”

“porque ela arruma a casa”

“porque ela tem de cuidar do meu irmão”

“porque não quer”

As mães dos sujeitos da Escola Particular atuam como advogada, bancária, psicóloga, empresária. Destas, 18 trabalham, uma não trabalha e um não respondeu à questão. Similarmente ao resultado encontrado para as atividades desenvolvidas pelo pai, percebe-se a diferença sócio econômica dos sujeitos da Escola Particular.

Perguntados sobre o nível de escolaridade do pai e da mãe, os alunos da Escola Pública informaram que 19 pais e 19 mães são apenas alfabetizados e dois (pai e mãe) são analfabetos. Dentre os alfabetizados, um possui curso superior, 10 possuem segundo grau e dois o ensino fundamental. Quanto às mães, nove possuem o segundo grau, e quatro o fundamental. Ressalte-se que seis sujeitos não responderam à questão e dois não tinham conhecimento da escolaridade do pai e da mãe.

Apesar de 10 sujeitos (50%) não terem respondido à questão, e um não saber a escolaridade dos pais, os resultados obtidos da Escola Particular comprovam mais uma vez a diferença na formação dos pais, demonstrando que (Tabela 2) na Escola Pública 10% dos pais e 20% das mães cursaram apenas o ensino fundamental; 50% dos pais e 1,5% das mães possuem o ensino médio; 5% dos pais e nenhuma mãe cursaram o ensino superior.

Tabela 2 – Escolaridade dos pais

Escolaridade	Escola Pública		Escola Particular		Escola Particular		Escola Particular	
	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%
Ensino Fundamental	2	10	4	20			1	5
Ensino Médio	10	50	9	45	2	10	2	10
Superior	1	5			6	30	6	30
Doutorado					1			
Não sabe	1	5	1	5	1	5	1	5
Não respondeu	6	30	6	30				
Total	20	100	20	100	20	50	20	50

Fonte: pesquisa direta

Em contraposição, na Escola Particular a formação de todos os pais vai além do ensino fundamental. Essa escolaridade foi encontrada apenas para uma mãe (5%); os demais cursaram o ensino médio 2% (pai e mãe); 30% de ambos têm curso superior; e um pai (5%) tem doutorado.

Outra variável considerada foi o número de irmãos dos sujeitos. Nesta questão, comprovou-se que quanto mais baixa a escolaridade e a situação sócio-econômica, maior o número de filhos. Em contrapartida, os pais mais bem aquinhoados, informados e com situação sócio-econômica diferenciada possuem no máximo três filhos.

Quanto à questão laboral, perguntou-se aos sujeitos se, além de estudar, exerciam alguma outra atividade como trabalhar, por exemplo. Dos 20 sujeitos pesquisados na Escola Pública, 18 informaram que não trabalham, um colabora na loja do pai e a outra ajuda a mãe nos afazeres domésticos.

Na Escola Particular, não se encontrou diferenças significativas, pois dos 20 sujeitos, 17 não trabalham, dois desenvolvem atividade no dia a dia, não informando, porém, qual o tipo de atividade e a última vende bijuteria por ela produzida.

Indagados sobre as disciplinas preferidas, verifica-se que a preferência recai, em matemática, ciências e português. Esses resultados vêm corroborar com o estudo realizado por Anselmo (1975) com adolescentes alunos das Escolas Públicas do Município de Santo André, São Paulo, onde a pesquisadora identificou “uma acentuada preferência por Matemática e Ciências Físicas e Naturais”. (ANSELMO, 1975, p. 126). Segundo a pesquisadora estas são disciplinas que exigem raciocínio e atividade mental por parte dos adolescentes. Os resultados podem ser visualizados por ordem decrescente de preferência na Tabela 3.

Tabela 3 – Disciplinas preferidas

Disciplinas	Escola Pública Nº alunos	%	Disciplinas	Escola Particular Nº alunos	%
Matemática	7	35	Matemática	5	25
Ciências	4	20	Ciências	4	20
Português	4	20	Português	3	15
História	2	10	História	1	5
Geografia	1	5	Ciências/Inglês	1	5
História/Geografia	1	5	Inglês/História	1	5
Todas	1	5	Inglês/Artes	1	5
			Formação Religiosa	1	5
			História/Formação Religiosa	1	5
			Formação Religiosa/Português	1	5
			Educação Física/Inglês	1	5
Total	20	100		20	100

Fonte: pesquisa direta

Há que se chamar atenção, também, da disciplina Formação Religiosa citada três vezes pelos alunos do Colégio Marista Pio X que, por se tratar de um colégio católico, procura oferecer uma formação religiosa sólida. Destaque-se, também, o interesse demonstrado pela língua inglesa, mencionada quatro vezes conjugada com outra disciplina.

Com relação ao lazer, verificou-se que a televisão tem a preferência de 75% dos sujeitos da Escola Pública, seguindo-se o computador (20%); o vídeo game (15%); brincar com bonecas (5%) e ler (5%).

Por sua vez, o lazer dos sujeitos da Escola Particular é mais diversificado, pois apontaram além dos acima descritos, banho de piscina e capoeira conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4 – Preferências de lazer

Tipo de lazer	Escola Pública		Tipo de lazer	Escola Particular	
	Sujeitos	%		Sujeitos	%
Televisão	13	75	Televisão/game/computador	9	45
Televisão/game/comput.	1	5	Televisão/comput/piscina	1	5
Televisão/computador	1	5	Televisão/game	6	30
Videogame	2	10	Videogame/comput/capoeira	1	5
Computador	1	5	Videogame	3	15
Televisão/comput./boneca	1	5			
Computador/leitura	1	5			
Total	20	100		20	100

Fonte: pesquisa direta

Quanto ao conhecimento das histórias em quadrinhos, constatou-se que os sujeitos de ambas as escolas conhecem, existindo, porém, rejeição à prática desta leitura por dois alunos da Escola Pública e um da Escola Particular. Analisando a frequência da leitura de histórias em quadrinhos verificou-se que, independentemente do sexo e da classe social a que pertencem os sujeitos, não há diferenças significativas na prática desta leitura, em ambas as escolas. (Quadro 1).

Frequência de Leitura/Dias	Escola Pública	Escola Particular
	Sujeitos	Sujeitos
0	2	1
1	4	3
2	5	7
3	4	2
4	2	-
5	2	4
7	1	1
Todos os dias	-	2
Total	20	20

Quadro 1 - Frequência de leitura

Fonte: pesquisa direta

Em relação aos diferentes tipos de HQ, identificou-se que a preferência recai nos tipos infantil e super heróis e o que mais influencia na escolha da HQ é o personagem. Este resultado vem corroborar com aquele encontrado por Anselmo (1975, p. 114). Na Escola Pública, os dois gêneros foram citados como preferidos, já na Escola Particular, a preferência é pelo gênero infantil. (Tabela 5)

Tabela 5 – Gêneros preferidos

Gênero	Escola Pública	%	Escola Particular	%
	Meninas			
Super Heróis	7	35	-	-
Infantil	9	45	18	90
Não tem preferência	2	10	-	-
Não respondeu	2	10	2	10
Total	20	100	20	100

Fonte: pesquisa direta

Perguntados sobre a preferência entre personagens nacionais e estrangeiros, verificou-se que os sujeitos concentram seus interesses e preferências em personagens nacionais do tipo infantil (destacando-se nesta categoria os personagens da Turma da Mônica) e estrangeiros os super heróis. Assim, constata-se que os sujeitos não manifestaram preferência por personagens de terror, crime ou violência.

Excetuando-se um sujeito, todos os sujeitos da Escola Particular preferem personagens nacionais; na Escola Pública, verifica-se uma ligeira preferência por personagens nacionais. Os quadros seguintes mostram os resultados desta pesquisa. (Quadro 2).

Personagens	Escola Pública	%	Personagens	Escola Particular	%
	Nº de vezes citados			Nº de vezes citados	
Monica	6	30	Cebolinha	11	55
Cebolinha	4	20	Mônica	9	45
Cascão	4	20	Cascão	7	35
Magali	4	20	Magali	7	35
Batman	3	15	Tina	5	25
Super-homem	2	10	Rosinha	2	10
Homem Aranha	2	10	Zé Lelé	1	5
João e Maria	1	5	Margarida	1	5
Chico Bento	1	5	-	-	-
Minie	1	5	-	-	-
Mickey	1	5	-	-	-
Menino Maluquinho	1	5	-	-	-
Pato Donald	1	5	-	-	-
Nenhum	2	10	-	-	-
Não respondeu	2	10	Não respondeu	3	15

Quadro 2 - Personagens preferidos – Escola Pública/Escola Particular

Fonte: pesquisa direta

Procurou-se saber a idade em que os sujeitos iniciaram a leitura de quadrinhos. Como se pode observar na Tabela 6, nas duas Escolas, a faixa etária com maior frequência para o início dessa leitura, se concentra entre 5 e 6 anos de idade.

Tabela 6 - Idade que iniciou a leitura de quadrinhos

Idade	Escola Pública		Escola Particular	
	Sujeitos	%	Sujeitos	%
5	7	35	5	25
6	6	30	4	20
7	2	10	3	15
8	1	5	2	10
9	1	5	1	5
10	3	15	1	5
Não respondeu			4	20
Total	20	100	20	100

Fonte: pesquisa direta

Quanto ao acesso às revistas de histórias em quadrinhos, os resultados obtidos, mostram que 70% dos sujeitos da Escola Pública lêem revistas compradas por eles próprios, enquanto que na Escola Particular este percentual é de 55%.

Os resultados obtidos revelam grande aceitação, incentivo e apoio dos pais para com as histórias em quadrinhos. A maioria dos pais 90% e 95% respectivamente incentivam este tipo de leitura, donde se conclui que os quadrinhos não são mais vistos como influências maléficas para o desenvolvimento das crianças. (Tabela 7).

Tabela 7 – Incentivo dos pais à leitura dos quadrinhos

Incentivo dos pais	Escola Pública		Escola Particular	
	Sujeitos	%	Sujeitos	%
Sim	18	90	19	95
Não	1	5		
Não respondeu	1	5	1	5
Total	20	100	20	100

Fonte: pesquisa direta

Na Escola Pública 18 dos pesquisados responderam positivamente, um não tem esse apoio e um não respondeu. Na Escola Particular 19 recebem incentivo dos pais e um não respondeu. Os sujeitos justificaram suas respostas, dizendo o que os pais acham a respeito dos quadrinhos:

“Os quadrinhos ajudam na leitura no geral”

“É um bom lazer”

“Melhora o desempenho escolar”

“Ajuda na escrita”

“É uma leitura educativa e divertida”

Na questão do ambiente em que é realizada a leitura das HQ, observa-se na Tabela 9 que a maioria dos sujeitos prefere ler suas revistas em casa.

Tabela 8 – Local da leitura

Local de leitura	Escola Pública		Escola Particular	
	Sujeitos	%	Sujeitos	%
Em casa	16	80	11	55
Em casa e na biblioteca	2	10	3	15
Na biblioteca			4	20
Não respondeu	2	10	2	10
Total	20	100	20	100

Fonte: pesquisa direta

Procurou-se conhecer qual a opinião dos sujeitos a respeito da influência dos quadrinhos para o estímulo à leitura de outros livros. Na Escola Pública, 18 sujeitos (80%), informaram que a leitura de HQ influencia o hábito da leitura; na Escola Particular 100% dos sujeitos responderam positivamente. Saliente-se que dois dos sujeitos da Escola Pública assim se manifestaram: um disse que não gosta de quadrinhos, o outro que os quadrinhos são iguais aos livros. Para justificar a questão, os sujeitos que responderam positivamente assim se expressaram:

“Influenciam para o melhoramento da leitura e da escrita”

“Conhece-se melhor as palavras e contribuem para uma boa ortografia”

“É uma leitura divertida”

“É uma leitura dinâmica”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho científico em qualquer nível que seja elaborado não tem a pretensão de ser conclusivo, e este não poderia ser diferente. Trata-se, apenas, do início de uma investigação, portanto, uma contribuição à temática ora estudada. É necessário continuar, aprofundar, estender a um universo mais significativo.

Estas considerações têm a pretensão de resumir os resultados da pesquisa, tecendo comentários e ressaltando os pontos de maior interesse.

Sintetizando, verifica-se que existe uma defasagem de um ano de estudo para os meninos e de dois para as meninas da escola pública quando comparados aos sujeitos da escola particular. A faixa etária predominante nesta série é de 11 anos para os meninos e de 10 anos para as meninas, da escola particular. Atribui-se este resultado ao fato de os alunos da escola particular iniciar os estudos mais cedo, frequentando maternal, jardim de infância etc., o que não acontece, em geral, com as camadas de renda inferior uma vez que o poder público não oferece essa opção, retardando o início da escolarização.

A atividade desenvolvida pelos pais dos sujeitos da escola pública se concentra no comércio e serviços; as mães em geral são do lar. Nesse particular, as falas retratam a classe social a que pertencem.

Percebe-se, também, uma diferença significativa quanto à escolaridade dos pais verificando-se aí que nenhum dos pais de alunos da escola pública possui nível superior, sendo alguns analfabetos. Neste segmento constata-se, também, um maior número de filhos confirmando a premissa de que famílias de baixa renda são mais prolíferas.

Significativa é a preferência pelas disciplinas apontadas pelos sujeitos, pois coincidem em ambas as escolas, por ordem decrescente, Matemática, Ciências e Português. Chama atenção neste particular a menção, pelos alunos da escola particular, da disciplina Formação Religiosa.

A televisão ainda é o maior lazer em ambos os segmentos, sendo apontados também jogos e um único citou leitura.

Não existem diferenças significativas quanto à frequência da leitura das histórias em quadrinhos entre os dois grupos. Os gêneros preferidos recaem nos super-heróis e infantis e o que os leva à escolha do gênero é o personagem.

A leitura das HQ é iniciada aos cinco anos, e a aquisição dessas revistas se dá por compra e, em geral, essa leitura é realizada em casa recebendo incentivo dos pais.

Constata-se, também, que a frequência de leitura semanal de HQ pelos alunos da escola pública é maior que a da escola particular.

Finalizando, confirmam-se as indagações iniciais de que as HQ ocupam um papel de destaque na vida dos sujeitos, principalmente no que se refere ao lazer e exerce influência positiva, pois segundo os depoimentos dos alunos, os quadrinhos estimulam o hábito de leitura e a criatividade e melhoram a ortografia.

COMICS: PERCEPTION AND READING BY STUDENTS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The comics have been considered as a visual communication media. It shows itself through the narration of words and sequences of images. Due to a great diffusion and access at a low cost, they were universally known as mass media communication. This investigation has as main objective to investigate the cartoons reading habit by children,

traveling to 4th series of the elementary school, in two schools of the municipal district of João Pessoa. It rescues the historical antecedents and approaches the thematic comics reading and reading habit. For the field research, it was applied a questionnaire as an instrument of data collection to 40 students, from public and private schools. The results suggest that the comics occupies a prominence role in the life of the subjects, because they motivate and stimulate the reading habit; they act as a leisure activity, sharpen the creativity and improves the spelling.

KEYWORDS:

COMICS
COMICS READING
READING HABIT

REFERENCIAS

ANSELMO, Zilda Augusta. **As histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975. 180p.

CHARTIER, Roger (Org). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 1996.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 81p.

CLARETO, Maurílio. Como despertar na criança o hábito pela leitura. Disponível em: www.miniweb.com.br/literatura/artigos/leitura.html

FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **Revista PEC**, Curitiba, v.3, p.123-131, Jul.2002-Jul.2003. Disponível em: www.imesxplica.com.br/0608HQ-criticas.asp

MOYA, Álvaro. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. 343p.

MIRANDA, Orlando. **Tio Patinhas e os mitos da comunicação**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978, 185p.

MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. **Fragmentos do discurso quadrinizado: leitura crítica sobre a personagem Mônica**. 1998. 138 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Arte seqüencial: a imaginação toma forma no papel**. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleos/nphqeca/nucleosp/papers2.htm> Acesso em: 19 dez 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Arte seqüencial: quem veio primeiro**. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleosp/papers3.htm> Acesso em: 19 dez 2005

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Histórias em quadrinhos e ensino**: uma dupla cada vez mais dinâmica. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleos/njr/espiral/papiro20a.htm> Acesso em: 4 dez 2005

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **As gibitecas**: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias de quadrinhos no Brasil. 2006. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas-conteúdo.php> Acesso em: 6 abr. 2006

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paula da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 117-149.